



Resenha:

Andrea Daher. *O Brasil Francês: as singularidades da França Equinocial, 1612-1615*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

O Brasil Francês: a colonização revisada

[Mário Maestri](#)*

Homens e mulheres de corpos perfeitos, vivendo inocentemente nus em terras de verão meigo e sem fim, dedicados aos próprios prazeres malditos do sexo sem o opróbrio do pecado. Seria a costa brasílica metáfora ou resquício do Éden? Mas como explicar que os filhos perdidos de Adão participassem com gosto e sem pena do banquete canibal, provando a própria mãe a carne tenra do pimpolho tido com o inimigo?

Nos séculos 16 e 17, o europeu boquiaberto consumiu vorazmente os relatos de navegantes, comerciantes e aventureiros que chegavam de portos da Europa e sobretudo da França para manterem rendosas trocas com os nativos de litoral reivindicado zelosamente pelo lusitano. Após provarem furtivamente, por longo tempo, o fruto proibido, os franceses tentaram abocanhá-lo, por duas vezes, para sempre. A primeira, em 1555-67, com a expedição à Guanabara que, apesar do malogro da *França Antártica*, produziu o valioso relato sobre os povos da região, a **Viagem ao Brasil**, do calvinista francês Jean de Léry. A segunda, em 1612-15, no Maranhão, onde também fracassou a França Equinocial.

Em 1995, Andrea Daher doutorou-se, na França, com a tese “Singularités de la France équinoxiale: histoire de la mission des pères capucins au Brésil (1612-1615)”, publicada, em Paris, em 2002. Agora, traduzido do francês, o livro é apresentado pela Civilização Brasileira com título mais abrangente – O Brasil francês: as singularidades da França Equinocial, 1612-1615. Sobretudo, o trabalho procurou analisar a especificidade missionária francesa no Maranhão. Estudo na área da “história cultural”, a grande tese da autora é instigante. A missão franciscana registraria projeto inconcluso de difusão da civilização francesa apoiado na cordialidade e no respeito, em dissensão com as práticas dos jesuítas portugueses que viam os *brasis* como brutos descendentes de Cã, o filho maldito de Noé, incapazes de conversão.

Para desancar os lusitanos, a autora utilizou sobretudo o Diálogo sobre a conversão do gentio, do padre Anchieta, de 1556-57, servindo-se principalmente do relato do capuchinho Claude d’Abbeville, “Histoire de la mission des Pères Capucins en l’Isle de Maragnan et terres circonvoisines”, publicado e reeditado, em 1614, em Paris, e apresentado, em português, 1945 e 1975, para tecer palavras doces aos ouvidos franceses, de ontem e de hoje. Os relatos cotejados refletem momentos distintos da colonização americana, reiterada, em regiões diversas, em tempos diversos. De inícios do Seiscentos, a narrativa franciscana reflete os primeiros passos da ocupação colonial

* Mário Maestri, 59, é doutor em história pela UCL, Bélgica, e professor do Programa de Pós-Graduação em História da UPF, RS.

francesa, colonização já consolidada pelos portugueses, em meados do Quinhentos, quando Anchieta escrevia seu Diálogo.

Alexander Marchant publicou, em inglês, precioso estudo, traduzido ao português, em 1943, *Do escambo à escravidão: As relações econômicas de portugueses e índios na colonização do Brasil. (1500-1580)*, sobre os contatos amigáveis entre nativos e europeus, ensejados pelas trocas voluntárias de pau-brasil, papagaios, sagüis, peles e penas de animais sobretudo por machados de ferro e outros manufaturados europeus. Uma época em que os europeus, acolhidos nas moradias coletivas nativas, aceitavam gostosamente as esposas oferecidas pelos anfitriões e, seduzidos pela vida americana, desertavam navios e feitorias para viver, entre tupinambás, como tupinambás.

Essas relações amigáveis foram inapelavelmente superadas com o início da colonização territorial pelos portugueses, em 1532. Então, o *brasileiro*, o comerciante de pau-brasil, cedeu a cena ao colonizador, ávido de terra e do braço autóctone. No novo contexto, a narrativa maravilhada sobre os nativos gentis, ao estilo da *Carta* de Caminha, deixou lugar aos relatos preconceituosos, ao igual dos de Gândavo, sobre o *selvagem* insubmisso à religião, à cultura e à dominação européia.

Apenas chegados à América, em 1549, o jesuíta Manoel da Nóbrega e seus acompanhantes exultaram com as fáceis conversões, ao igual que os bons franciscanos franceses, anos mais tarde. Muito logo, sob as novas injunções, recuaram no otimismo, sem jamais negarem a impossibilidade da conversão do tupinambá. Em 1612-15, quando os capuchinhos repetiam os passos e as ilusões iniciais dos jesuítas, havia mais de um século que os *contrabandistas* franceses escambavam em paz no litoral brasílico. Porém, para que a França Equinocial vivesse, a lógica colonial devia pôr fim às trocas voluntárias, exigindo também o domínio da terra e do trabalho do nativo. Transição terrível registrada profeticamente pelo velho *principal Momboréuaçu*, na *casa grande* de aldeia tupinambá, ao assinalar que, igual aos lusitanos alhures, também os franceses, no Maranhão, falavam em fixar-se na terra, desrespeitavam os costumes nativos e, sobretudo, exigiam escravos.

A narrativa franciscana fez parte de literatura apologética cristã da colonização que comumente descrevia um homem americano que não procurava realmente entender. O mais valioso da descrição etnográfica de Abbeville, que passou apenas quatro meses no Maranhão, foi, como assinalado por Andrea Daher, pinçado na obra de Jean Léry. Roger Chartier, orientador da tese, assinala na introdução do livro, que a autora procurou “compreender o que significava para os franceses do início do século XVII a descoberta” das singularidades da costa brasílica, ainda que não responda como os tupinambás “perceberam e viveram, para além das palavras de aceitação e de submissão” “as novas crenças e obediências que deveriam ser as suas”.

Apesar de possuímos no Brasil riquíssima bibliografia especializada, Andrea Daher pouco se ocupou com a apresentação e a explicação da sociedade tupinambá. O Brasil Francês: as singularidades da França Equinocial constitui uma erudita e valiosa aventura que se mantém muito próxima à realizada pelos capuchinhos, que terminaram falando de mundo preste a ser engolido pela colonização, sem saírem jamais, realmente, da Europa.